

FILOSOFIA E O MUNDO DA VIDA

ORGANIZADORES
EVERALDO CESCON
IDALGO JOSÉ SANGALLI



Filosofia e o mundo da vida

Organizadores

Everaldo Cescon

Idalgo José Sangalli

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:

Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:

Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:

Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:

Flávia Fernanda Costa

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico:

Neide Pessin

Chefe de Gabinete:

Marcelo Faoro de Abreu

Diretoria de Relações Institucionais:

Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:

Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

Alessandra Paula Rech

André Felipe Streck

Alexandre Cortez Fernandes

Cleide Calgaro – Presidente do Conselho

Everaldo Cescon

Flávia Brocchetto Ramos

Francisco Catelli

Guilherme Brambatti Guzzo

Matheus de Mesquita Silveira

Simone Côrte Real Barbieri – Secretária

Suzana Maria de Conto

Terciane Ângela Luchese

Thiago de Oliveira Gamba

Comitê Editorial

Alberto Barausse

Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez

Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão

Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo

Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique

Escuela Interdisciplinar de Derechos Fundamentales

Praeeminentia Iustitia/Peru

Juan Emmerich

Universidad Nacional de La Plata/Argentina

Ludmilson Abritta Mendes

Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró

Universidad Nacional del Centro/Argentina

Nathália Cristine Vieceli

Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan

University of London/Inglaterra



© dos organizadores

2ª edição: 2023

Revisão: Izabete Polidoro Lima

Editoração: Ana Carolina Marques Ramos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade de Caxias do Sul

UCS – BICE – Processamento Técnico

F488 Filosofia e o mundo da vida [recurso eletrônico] / organizado por Everaldo Cescon, Idalgo José Sangalli. 2. ed. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2023.
Dados eletrônicos (1 arquivo)

ISBN 978-65-5807-074-0

Apresenta bibliografia.

Vários autores.

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Filosofia. 2. Filosofia - Estudo e ensino (Superior). 3. Universidade de Caxias do Sul. Curso de filosofia. I. Cescon, Everaldo, org. II. Sangalli, Idalgo José, org.

CDU 2. ed.: 1

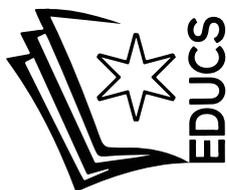
Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|--|-------------------|
| 1. Filosofia | 1 |
| 2. Filosofia – Estudo e ensino | (Superior) 1:378 |
| 3. Universidade de Caxias do Sul. Curso de Filosofia | 378.4(816.5)UCS:1 |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária

Márcia Servi Gonçalves – CRB 10/1500

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197

Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

FILOSOFIA E O MUNDO DA VIDA

ORGANIZADORES

EVERALDO CESCO

IDALGO JOSÉ SANGALLI



Sumário

Prefácio: O humanismo de Dom Benedito e o desafio do diálogo entre fé e razão na universidade / 11

Apresentação / 19

O curso de filosofia na formação ao presbiterado / 27

Dom Adelar Baruffi

Os direitos humanos, seus fundamentos filosóficos, sua natureza e efetividade / 33

Adir Ubaldo Rech

Pelo direito de dizer: presente! Reflexões sobre o futuro / 49

André Brayner de Farias

Ciclos de vida ou performance? Reflexões bioéticas sobre triagem durante a pandemia do Covid-19 / 57

Darlei Dall'Agnol

A filosofia na formação de professores: aportes teóricos para a emancipação intelectual e profissional / 69

Delcio Antônio Agliardi

A presumida inutilidade da filosofia / 81

Everaldo Cescon

Sobre a fundamentação da petição de princípio intuicionista de Husserl à teoria kantiana de *noumenon* / 89

Felipe Bragagnolo

Max Scheler e a essência da filosofia / 101

Gelson Leonardo Rech

Problemas fundamentais de filosofia da religião na perspectiva fenomenológica / 111

Gilson Bavaresco

Amizade e confiança: condição para o filosofar / 119

Idalgo J. Sangalli

Qual é o papel da filosofia perante uma “materialidade aberta”? / 135

Itamar Soares Veiga

Notas sobre a felicidade humana / 147

Janete Maria Bonfanti

Participação filosófica nos primeiros anos na Universidade de Caxias do Sul / 159

Jayme Paviani

Filosofia, a base para a construção cultural e intelectual / 175

José Ivo Sartori

Maria Helena Sartori

A importância do saber perguntar / 181

Keberson Bresolin

Qual o valor da filosofia? / 193

Lucas M. Dalsotto

O mundo da vida além da hipótese do gênio maligno-cartesiano / 201

Luís Fernando Biasoli

UCS – Curso de Filosofia em retrospectiva – anos 80 / 211

Luiz Carlos Bombassaro

Filosofia e o mundo da vida / 229

Maicon Martta

A teoria liberal do direito em Dworkin / 237

Mateus Salvadori

O lugar da filosofia no século XXI: o método experimental como um olhar ao passado / 245

Matheus de Mesquita Silveira

Filosofia na mente, no espírito e na ação / 255

Nelson Piletti

O ensino de filosofia a partir de seus problemas / 267

Odair Camati

A intelectualização: desafios diante da alienação contemporânea / 277

Paulo Bassani

Existe lugar para a filosofia, no século XXI? / 287

Robledo dos Santos Luza

Por que filosofia? / 301

Simone Côrte Real Barbieri

A importância da filosofia para a vida / 309

Ursula Rosa da Silva

A filosofia que nos movimenta / 319

Valdir Pretto

**A formação de professores no Curso de Filosofia da UCS
frente às políticas curriculares: presenças e ausências da
filosofia nas escolas / 327**

Vanderlei Carbonara

O estudo das migrações: conceitos e significados / 343

Vania Beatriz Merlotti Herédia

Uma relação ética impossível: um momento de loucura? / 353

Verónica P. G. Zevallos

A importância da filosofia para a vida

Ursula Rosa da Silva¹¹²

Recebi o convite para compor esta publicação em homenagem aos 60 anos do curso de Filosofia da UCS, do qual fiz parte, me formando na Licenciatura em Filosofia, no ano de 1989. Por coincidência, estou também fechando um ciclo neste ano de 2020, em que completo 25 anos como professora de Filosofia da Arte, na Universidade Federal de Pelotas, na qual estou desde 1995, sendo, antes disso, professora de História da Filosofia e Estética, na Universidade Católica de Pelotas (1992-1995). São 28 anos de dedicação ao ensino, tendo a filosofia como base, como inspiração, para a vida e para a formação de pessoas. Além disso, comemoro, neste momento, o fato de ter sido eleita vice-reitora da UFPel, realização e reconhecimento de uma vida dedicada à academia; são muitas comemorações e fico feliz de poder estar aqui com colegas e professores celebrando este curso que nos possibilitou muitas conquistas.

Digo isto, considerando, ainda, o cenário pelo qual estamos passando – uma pandemia mundial – e, neste contexto, tenho me valido muito da filosofia para trabalhar e fazer palestras sobre o quanto temos de motivos para dar sentido à vida, ao trabalho, à humanidade, às artes, e o quanto precisamos buscar este sentido neste mundo da vida, em que nos encontramos, sendo propositivos, vendo o que podemos aprender e ensinar com o que se apresenta, e, como diz Morin (2001), aprendendo e ensinando como nos prepararmos para enfrentar os momentos de incerteza. Não podemos esperar que o mundo se apresente como um lugar de certezas e respostas exatas para viver, por isso a importância de perceber e se preparar com o conhecimento para saber trabalhar e conviver também com as incertezas.

A reflexão que trago a seguir parte das atividades que realizei neste ano pandêmico, com circunstâncias que me fizeram lembrar, por motivos diversos, do período de minha formação em Filosofia, época em que vivi minha Graduação em Filosofia, tanto pelo momento político – pois estávamos no fim da ditadura nos aproximando

¹¹² Doutora. Professora na Universidade Federal de Pelotas, RS.

do que seria o movimento das Diretas Já – quanto pela questão da minha escolha de vida, que foi ser professora de Filosofia, os textos, os autores que li, os projetos dos quais participei, as músicas que ouvi, os amigos e amigas que encontrei, e como tudo isso começou a fazer sentido, quando conheci a obra de Merleau-Ponty e o conceito de mundo da vida, na concepção dele, tanto quanto o conceito de liberdade em Sartre, do *Dasein* em Heidegger e do corpo-próprio em Edith Stein. Pois estes autores me fizeram perceber o quanto a filosofia está no nosso dia a dia e o quanto as perguntas que fazemos sobre o mundo e nossa presença nele nascem da relação do modo como percebemos o mundo e os outros; das relações entre os seres todos, e como organizamos, valorizamos e efetivamos nossos projetos, bem como que o conhecimento precisa estar ligado com a vida.

Assim, Merleau-Ponty me fez estudar mais a psicologia, literatura, história da arte, para compreender como o corpo pode ter um pensamento falante, uma linguagem muda e dizer este mundo por meio de gestualidades corporais, por exemplo, se nutrindo de um *logos* em estado nascente e de um *cogito* tácito. Estes conceitos, que para mim eram parte de um *corpus* teórico, foram cada vez mais se aproximando de um cotidiano de ensino e de questionamento sobre os modos de tratar o conhecimento, tanto nos cursos de Filosofia quanto nos cursos de Artes para os quais ministrei aulas, principalmente, na formação de professores. Pois, perceber que o modo como Cézanne olhava sua *Montagne Sainte Vitoire* e a pintava incessantemente fez Merleau-Ponty (1971) passar suas últimas férias de vida em *Aix-en-Provence*,¹¹³ para compreender como este pintor conseguia viver e expressar o que o filósofo propunha na sua fenomenologia da percepção: um mergulho no mundo da vida, para, por meio da corporeidade perceber e expressar o mundo, na dialética vivida de uma intencionalidade que busca algo novo, no fenômeno que se manifesta infinitamente. Este movimento de Cézanne está relacionado, também, ao modo como nós, professores, precisamos estar em estado de abertura, para ressignificar o que nos rodeia e sermos propositores de novas perguntas, outros questionamentos e deslocamentos que levem à constituição de significados com os quais a filosofia trabalha.

¹¹³ Esta experiência de três meses de férias em Aix-en-Provence resultou no texto *O olho e o espírito*, em que Merleau-Ponty vai refletir sobre o exercício e a atitude fenomenológica, a partir desta aproximação com a pintura de Cézanne (MERLEAU-PONTY, 2014).

Antes de Merleau-Ponty, Stein (1916), em sua tese denominada *O problema da empatia*, desenvolve o conceito de corpo-próprio, que se evidencia como inovador, para se pensar uma nova corporeidade e um novo sujeito epistemológico, frente ao sentido objetivamente racional, decorrente do pensamento moderno. A concepção de corpo-próprio, em Stein, instaura o caminho da corporeidade como essencial ao conhecimento, na filosofia e para a arte, como um corpo expressivo. Stein desenvolve o conceito de *Einfühlung* (intuição empática, empatia) ligado a uma concepção de modo de estar no mundo do sujeito (Eu próprio), em relação ao Outro (Eu estranho). Vinculado à definição de empatia, ela trata de explicitar o sujeito como um indivíduo psicofísico, diverso de um objeto físico, ao qual é preciso atribuir um corpo, não tanto como corpo físico, mas como fenômeno denominado corpo-próprio (*Leib* = corpo vivente, corpo animado).

A fenomenologia no século XX, por meio de autores como Stein e Merleau-Ponty, trouxe uma nova abordagem para o conhecimento nas ciências, a partir do conceito de corpo-sujeito ou corpo-próprio e também nos possibilita redimensionar a intersubjetividade. A empatia torna-se, enfim, condição de possibilidade para a constituição do indivíduo próprio e de sua relação com o Outro. O fio condutor da atuação de Stein, em todos os âmbitos, seja com o pensamento, seja com a ação, parece ter sido a intersubjetividade, *Einfühlung*, a empatia, a comunhão com o outro, com o estranho, com o diferente.

Merleau-Ponty busca superar os dualismos consciência/corpo; sensível/inteligível, e a consciência intelectual por meio de uma consciência perceptiva, no sentido de situar-nos no âmbito de um logos nascente, de uma verdade originária que fundamenta o conhecimento:

A experiência da percepção nos põe em presença do momento em que se constituem para nós as coisas, as verdades, os bens; que a percepção nos dá um logos em estado nascente, que ela nos ensina, fora de todo dogmatismo, as verdadeiras condições da própria objetividade; que ela nos recorda as tarefas do conhecimento e da ação (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 63).

Merleau-Ponty fala da necessidade de a filosofia voltar ao mundo da vida, ao mundo das coisas, para poder realizar um verdadeiro conhecimento: é a condição do olhar que parte das vivências do sujeito

epistemológico, uma vivência contextualizada no mundo que está aí, este mundo de “meu corpo”. O mundo percebido, o mundo da vida, é o fundo sempre pressuposto por toda racionalidade, todo valor e toda existência.

Assim, se pensarmos nos dias atuais, dentro deste cenário de pandemia, as concepções de empatia, intersubjetividade, expressividade do corpo, por meio da arte, são realmente temáticas que me têm feito revisitar estes autores.

Tenho feito neste ano de 2020, muitas *lives*, palestras ou rodas de conversa *on-line*, e, em muitas destas, a temática foi sobre a importância das humanidades, da arte, para conectar-nos conosco mesmos e com os outros nesta pandemia e reencontrar, ressignificar os sentidos dos nossos saberes e fazeres. Se a arte diz a essência do *Dasein*, como diria Heidegger, a expressão de sua essência, então este é o momento de encontrar nesta expressão algo que não apenas diga o *Dasein*, mas que possa nos trazer novos modos de enfrentar e de dizer o mundo de outras formas, e que este ser-no-mundo, que está aí, enfrentando o desafio de uma pandemia planetária, possa ser expressão e desvelamento de novos e sustentáveis tempos.

Alguns teóricos têm refletido e publicado sobre o tema, embora reconhecendo que, de dentro do “furacão”, é difícil ter completa visão e discernimento. Mas estes textos podem nos auxiliar a pensar este momento e, talvez, rever nossas metas e posturas diante do mundo, como cidadãos e cidadãs planetários. De certa forma, pensar o futuro daqui para frente depende de como estamos levando nosso presente, de como estamos vivendo na atualidade, e de nossa resposta frente à realidade da pandemia.

Segundo Santos (2020), por exemplo, existe uma “pedagogia do vírus”, então precisamos aprender com ela. Por outro lado, como seres humanos, precisamos ter consciência de nossa corporeidade e do potencial para outros modos de ver, sentir, viver. Butler (2020, p. 2) faz uma reflexão interessante a partir do corpo e dos objetos: “Se antes não sabíamos que partilhamos as superfícies do mundo, o sabemos agora. A superfície que uma pessoa toca carrega o traço dessa pessoa, hospeda e transfere esse traço, afeta a próxima pessoa cujo toque pousa ali”.

De um dia para outro, nossa vida mudou. Um novo cotidiano nos arrebatou e, de uma hora para outra, descobrimos que precisaríamos de protocolos para poder viver. Novas práticas, novos modos de estar no mundo, de um modo isolado, confinado. Algumas vezes nossos planos são mudados por situações alheias à nossa vontade, e este é um caso, em que nosso caminho, de alguma forma, vai ser alterado. Nesse sentido, precisamos encontrar o rumo, o que faz sentido para nossa vida, e é neste viés que falamos em aproximar a filosofia da vida, do cotidiano e, por que não, encontrar com isso uma concepção de felicidade. Não uma felicidade longínqua, mas algo que nos dê a satisfação de sermos quem somos a cada dia, de encontrarmos uma paz interior.

Tudo mudou em nosso cotidiano, passamos a, de dentro, olhar melhor para o que está fora de nossa casa e para o mundo. Ao mesmo tempo, coisas boas e humanas se evidenciaram: a gentileza se tornou mais visível, nos olhares, nos gestos, no cuidado com os outros e consigo. Começamos a perceber que nossa angústia do isolamento é muito menor do que as necessidades que temos que atender da humanidade, naqueles que se tornaram mais famintos, cansados, aflitos, sem teto.

É um vírus que atinge a todos, mas agigantou as desigualdades e as crises econômico-sociais; dificultou o acesso ao básico para viver; aumentou a violência nos lares. Santos (2020) lembra o drama de refugiados, idosos sozinhos em casa, mulheres sofrendo violência doméstica, moradores de rua, famílias numerosas vivendo em pequenas peças, falta de saneamento básico. Situações que definem o que ele chama de “zonas de invisibilidade”.

Talvez agora, enfim, alguns tenham percebido que já havia uma crise de humanidade, já estávamos vivendo situações-limite antes, que, até agora, não nos tinha feito frear o mundo, como esta fez: nem o aquecimento global, que aumenta com os desmatamentos (outra ação desenfreada); a poluição do ar, das águas; os plásticos que chegam aos oceanos e são comidos pelos animais. Enfim, o consumismo e o ritmo acelerado, na produção de objetos para a humanidade, parecem mais importantes que a própria vida, que não consegue, mesmo ameaçada, diminuir sua velocidade ou buscar alternativas menos danosas à natureza. No embate entre a economia e a vida, precisamos rever nossa prioridade.

Para olhar para fora é preciso saber mergulhar para dentro, dentro de um eu que não pode ter medo de se escutar, de se dizer. Saber ouvir nosso eu, que estava ofuscado e calado pelos sons do exterior, pela loucura dos dias, pelo apagamento das horas do agora, trocadas por horas futuras, num louco girar cirandeiro, que tenta programar sempre o que há de vir.

A arte se tornou um caminho das possibilidades de se dizer e se deixar ouvir, uma ponte que conecta os seres humanos, mas, mais do que isto, resgata sua sensibilidade e lhe possibilita, quem sabe, ouvir também os apelos da natureza.

E neste contexto de ressignificações, de uma contraposição de valores humanos, sanitários, econômicos, podemos falar de felicidade? Uma felicidade que precisa ensinar os olhos a sorrirem, a mão estender-se num espaço virtual, e os elos a se fortalecerem.

No contraponto entre o antes e o depois, fica a esperança de que algo foi aprendido, mas também a desconfiança de que, no embate entre mercado econômico *versus* natureza, tem um vencedor marcado. Situação que tem nos impactado, nas questões de vida, limite que estamos vivendo, olhando o mundo pela janela.

Então nós fomos obrigados a dar uma pausa, a parar. Isso fez com que muitos começassem a perceber outros modos de viver que, até então, não tinham percebido, principalmente, em relação ao consumir menos. Mas também nos fez pensar sobre nossas relações, nossos afetos, como lidamos muito velozmente com sentimentos que precisam ser cuidados, ser olhados com carinho. Este novo olhar vai fazer diferença com certeza, quando voltarmos para nosso ensino presencial, para observarmos com mais atenção nosso cotidiano.

Agora o mundo parou. E será que saberemos ouvir o leve pulsar do mundo, a pausa que a mãe-Terra nos deu? Diversos autores e autoras que estão pensando sobre estes temas, como Ailton Krenak, Davi Kopenawa – indígenas que estão escrevendo – para que as pessoas compreendam a necessidade de proteger o nosso hábitat, a mãe-Terra.

Bom, depois de se pensar nos problemas, precisamos pensar que eles têm solução. Como diz Ailton Kreinak (2020): “O mundo está agora numa suspensão. E não sei se vamos sair dessa expe-

riência da mesma maneira que entramos. É como um anzol nos puxando para a consciência. Um tranco para olharmos para o que realmente importa”.

Agora nos cabe ver e ouvir o mundo pela janela, de dentro do nosso lar, mas também pela tela de computadores e celulares; navegar no espaço virtual e encontrar todo tipo de manifestações artísticas, que nos trazem mais leveza a este cotidiano. Individualmente ou em coletivos, os artistas estão ocupando um espaço de narrativas poéticas, visuais, sonoras, gestuais, pois à arte não cabe dizer uma verdade sobre o mundo, mas sim dizer-lhe de múltiplos modos.

Como falar de felicidade neste contexto? Pois nós precisamos falar de felicidade para, não apenas sobreviver, mas para encontrar um sentido, para saber nos reinventarmos, para podermos refletir sobre o que estamos passando e agir de outro modo depois. Não podemos pensar que este caos, esta pandemia vai terminar e vamos abrir a porta e simplesmente continuar de onde paramos. É o que muitos desejam, mas precisamos mudar nossas práticas, para nos salvar, nos salvar da falta de humanidade, da necropolítica, do excesso de consumismo. E é possível, pois se foi possível fazer o mundo parar, será possível mudarmos. E é como educadores que precisamos ter novas perspectivas e novas práticas.

Neste momento, ser felicidade é transbordar de esperança na humanidade. Mas de onde pode surgir esta felicidade?

A partir deste refúgio do Eu, que estamos vivendo, e do encantamento da arte, enquanto espaço para ver e produzir o novo. Precisamos mergulhar em nós e encontrar o mais humano que temos, que é a capacidade de querer ser melhor a cada dia, de aprender, de reinventar. E muito disso estamos vivendo, aqui e pelo mundo, em inúmeras ações de solidariedade social, de pesquisas, de fazeres, de desprendimento pessoal, para doar-se para os outros, para enfrentar com humanidade e dignidade este inimigo invisível. Essas ações são reconfortantes, porque nos dão o significado de que estamos lutando, de que algo está sendo feito e que estamos participando deste todo. Isto é sinônimo de humanidade: estar junto, pensar e fazer pelo outro.

A ideia é que encontremos uma felicidade a partir das nossas possibilidades de ser, sendo generosos consigo mesmo, como diz

Morin: “Não se pode sonhar com uma felicidade contínua, para a humanidade. [...] Se você vive poeticamente, você encontra momentos de felicidade, momentos de êxtase, momentos de alegria e, na minha opinião, é isso: a questão da poesia da vida é mais importante do que a da felicidade” (MORIN, 2013).

Mais do que uma felicidade individual é preciso pensar num mundo melhor para todos, e nossas ações precisam seguir no sentido de se tornarem cada vez mais sustentáveis, éticas, pensando na alteridade e no coletivo que habita neste Planeta.

As ações propositivas (sociais e ambientais) que experimentamos instauram rupturas, porque implicam outros modos de ver, para olhar a si mesmo e perceber o outro. É preciso aprender a vermo-nos como sociedade, pertencentes a um mesmo mundo e compartilhando as mesmas necessidades de vida e de felicidade.

Que venha, então, um mundo melhor pós-pandemia. Que nosso curso de Filosofia da UCS tenha muitos anos a seguir, formando pessoas preocupadas com este mundo e com as questões da vida!

Referências

- BUTLER, Judith. *Traços humanos na superfície do mundo*. São Paulo: N1 Edições, 2020. *E-book*.
- HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*. Curitiba: Acervo Digital UFPR, 2007.
- KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. *E-book*.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. *E-book*.
- MERLEAU-PONTY, M. *A natureza da percepção*. In: MERLEAU-PONTY, M. *O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. São Paulo: Papyrus, 1990.
- MORIN, Edgar. *La pandémie du nouveau monde: extrait Edgar Morin*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BkWiH55V5tE&fbclid=IwARowYumXrBvqzh_3sERDNjjkoZVYGk2ceTWS94GoIGexdbiDbDFVtQn_XCY, 2013. Acesso em: 15 dez. 2020.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

STEIN, Edith. *Il problema dell'empatia*. Halle: Stamperia dell'Orfanotrofio, 1916.